

UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS INTERTEXTUAIS PRESENTES NAS PERSONAGENS DIDO DA *ENEIDA* E LINDOIA DE *O URAGUAI*

Isamara Arruda Bezerra¹

Liebert de Abreu Muniz²

RESUMO: Objetivou-se neste trabalho analisar, sob a ótica dos elementos intertextuais, o canto IV de *O Uruguai*, de 1769, de Basílio da Gama. Alega-se, a partir desses elementos, que a personagem Lindoia, protagonista de *O Uruguai*, assemelha-se à personagem Dido do poema épico *Eneida*, de 19 a.C., de Virgílio. Por esse viés seria possível estabelecer uma conexão não somente entre as personagens femininas, mas também entre as duas criações literárias. Foi constatado, nessa pesquisa, que Gama faz menções no poema à obra *Eneida* e em especial com a personagem Lindóia e Dido, trazendo características de suas personalidades.

PALAVRAS-CHAVES: Gênero épico; *O Uruguai*; *Eneida*; Intertextualidade.

AN ANALYSIS OF THE INTERTEXTUAL ELEMENTS PRESENT IN THE CHARACTERS DIDO FROM *ENEIDA* AND LINDOIA FROM *O URAGUAI*

Abstract: The aim of this work was to analyze from the perspective of intertextual elements Canto IV of *O Uruguai* of Basílio da Gama. It is alleged from these elements that the character Lindoia, protagonist of *O Uruguai*, may have a similar relationship with the character Dido from the epic poem *Aeneid* by Virgil, through this perspective it would be possible to establish a connection not only between the female characters, but also between the two literary creations. It was found in this research that Basílio makes mentions in the poem of the work *Aeneid* and in particular with the character Lindóia and Dido, bringing characteristics of their personalities.

Keywords: Epic genre; *Uruguai*; *Aeneid*; Intertextuality.

¹Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português, *campus* Caraúbas, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: isamara.bezerra@alunos.ufersa.edu.br. Membro do grupo de pesquisa recepções e transformações da literatura clássica.

² Professor adjunto na Ufersa, tem doutorado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, atualmente é coordenador do curso de Letras Português, coordena também o projeto de pesquisa e extensão na área de literatura clássica. E-mail: liebert.muniz@ufersa.edu.br. Coordenador do grupo de pesquisa recepções e transformações da literatura clássica.

Introdução

Essa pesquisa propõe uma análise dos elementos intertextuais presentes no canto IV da obra *O Uruguai*, do autor brasileiro Basílio da Gama (1740-1790). Tal produção literária se situa no período do arcadismo e integra uma gama de obras épicas nacionais. Conforme aponta Chaves (2021, p. 212), “*O Uruguai*, publicado em Lisboa, em 1769, além de ser o poema épico mais inovador dos Setecentos luso-brasileiro, manifesta traços basílicos a que deve o seu lugar de relevo na fundação da Literatura Brasileira”.

Basílio da Gama nasceu no Brasil na cidade Tiradentes no estado de Minas Gerais foi um poeta luso-brasileiro de grande importância, que teve relevância no movimento arcadismo, que teve importância no cenário literário brasileiro por volta do ano de 1769 com a obra *O Uruguai*, vai ser através do poeta que o gênero épico ganha destaque trazendo um estilo mais voltado para o gênero clássico do que o estilo canônico do Luís de Camões, mostrando como Basílio vai inovar na sua produção literária, retratando um contexto histórico presente no Brasil, e segundo Chaves (2021):

Este é o caso de *O Uruguai*, de José Basílio da Gama, poeta nascido em 1741, na Capitania de Minas Gerais, e falecido em Lisboa, em 1795. De origem fidalga e família com ligações antigas ao Continente Americano, o escritor mineiro revela em sua obra forte ligação ao pátrio berço e o desejo de o ilustrar, demonstrando que era tão capaz de criação poética quanto os seus pares europeus (Chaves, 2021, p. 211-212).

O poeta vai retratar uma narrativa baseada em um contexto histórico vivido no Brasil, em, pois como o Brasil foi colonizado por Portugal tinha grande influência da literatura portuguesa em suas obras, conforme o ponto de vista de Chaves (2021):

Optando por uma via mais pessoal e moderna, Basílio abandona o modelo da epopeia camoniana, quase obrigatório na Literatura Portuguesa, ao Na fundação da Literatura Brasileira construir *O Uruguai* com cinco cantos em decassílabos brancos, sem divisão estrófica. Sem antecedentes na língua portuguesa, os cinco cantos basilianos não infringem qualquer norma poética da épica, sobre tais matérias omissas, contraditória e, de fato, pouco impositiva. O verso branco – não constituindo uma novidade absoluta, por retomar procedimento da épica greco-latina, embora abandonado pela maioria dos autores da Europa moderna – liga o estro basiliano às correntes estéticas da época: o Neoclassicismo e o Arcadismo, que almejaram

simplicidade formal e maior liberdade de movimentos na criação poética (Chaves, 2021, p. 212-213).

É interessante como a obra *O Uruguai* teve uma importância por essa mudança de estilo de escrita que foi abandonado por Basílio em busca de se aproximar da poesia épica greco-latina, que, apesar de ser o mesmo gênero épico, tem uma estrutura diferente, pois os cinco cantos da obra não têm divisão estrófica e são formados por decassílabos brancos. *Os Lusíadas* contém dez cantos com rimas, em vez de cinco cantos, como em *O Uruguai*. *O Uruguai*, além de ser do gênero épico contém características como a interferência do autor que finda determinando um diálogo entre as obras clássicas e fazer menção a Virgílio, que é um autor clássico conhecido no gênero. Querendo mostrar que, apesar de ser uma obra épica que abandona os padrões camonianos, Basílio apresenta em sua obra um estilo diferente em alguns aspectos comum a época, pois é segundo Oliveira (2016) vai ser notado na obra de Basílio da Gama:

O poema de Basílio da Gama está composto em cinco cantos, com o total de 1.380 versos. No que diz respeito ao plano literário, Basílio da Gama escreve *O Uruguai* com a mesma estrutura de uma epopeia clássica, em que é perceptível a: divisão em cantos; a proposição, a invocação e a dedicatória. Isso demonstra a intenção épica do poeta, não só porque ele adota no poema a estrutura literária de uma epopeia clássica, que, por optar por essa forma estrutural, acaba estabelecendo um diálogo com a tradição épica, mas pela sua instância híbrida de enunciação, o desenvolvimento da matéria épica, o agenciamento dos planos histórico e maravilhoso, a aderência mítica e o heroísmo épico (Oliveira, 2016, p.60).

Diante disso, Basílio também vai mostrar a semelhança da figura feminina que é representada pelas personagens Lindóia, de *O Uruguai*, e a Dido, rainha de Cartago, da obra *Eneida*, de Virgílio, que através do uso da intertextualidade mostra assim como autor teria se inspirado em Virgílio para criar a personagem Lindóia, que é uma personagem com um destaque pela sua identidade forte que infelizmente vai tirar a sua própria vida, que é justamente uma das semelhanças que o autor vai remeter a sua personagem Lindóia.

Esta pesquisa é um estudo comparativo, abordando, assim, a literatura comparada para analisar a obra entre outros elementos, é interessante entender e ver o que seria o estudo da literatura comparada buscando bibliografia sobre assunto, e por

isso que vamos conseguir ver através das palavras do autor Jeune como ele vai trazer o conceito de uma forma mais abrangente de acordo com o seu ponto de vista, que segundo Jeune (1994) :

Estuda essencialmente as influências entre autores ou entre literaturas de diferentes nações, assim como a propagação dessas influências. Então vamos entender que a literatura comparada é a produção dos autores em textos semelhantes e distintos das literaturas de outros países que vão ter características diferentes, mas que com suas semelhanças serão de importância para a construção do texto (Jeune, 1994, p. 225).

Nesse trabalho adotaremos não somente uma vertente teórica, mas duas, existe uma descrição de um estudo comparado e também principalmente o uso de elementos intertextuais que são bastante presentes na obra, é introduzida a história e também como cada personagem é inserido na história, o autor faz uso da intertextualidade, dessa forma é interessante entender o que seria o conceito por isso vamos recorrer aos autores, Conte (2010) e Barchiesi (2010) que segundo eles a intertextualidade é:

A intertextualidade, de Eco, então, longe de ser um curioso efeito define a condição mesma da legibilidade literária. De fato, não se captam o sentido e a estrutura de uma obra senão em relação a modelos, eles mesmos produtos de uma longa série de textos de que são, de certo modo, a constante. Fora desse sistema, a obra literária é não-natural: a sua percepção pressupõe uma "competência" na decodificação da linguagem literária, que tem como condição a prática de uma multiplicidade de textos (Conte; Barchiesi, 2010, p. 94-95).

É possível perceber como os autores vão ressaltar que é a intertextualidade, expondo a idealização do conceito que é a alusão de um autor em outra obra. Contendo características semelhantes e também nas distinções presentes na obra que vão acrescentar em um contexto geral, não deixando de ser uma obra única com suas peculiaridades, assim como *O Uruguai* se torna uma obra diferente do gênero épico, pois tem somente cinco cantos decassílabos brancos e não tem divisão estrófica semelhante, que a autora vai dissertar que de acordo com ela é Chaves (2021):

O Uruguai com cinco cantos em decassílabos brancos, sem divisão estrófica. Sem antecedentes na língua portuguesa, os cinco cantos basilianos não infringem qualquer norma poética da épica, sobre tais matérias omissa, contraditória e, de fato, pouco impositiva. O verso branco – não constituindo

uma novidade absoluta, por retomar procedimento da épica greco-latina, embora abandonado pela maioria dos autores da Europa moderna – liga oestro basiliano às correntes estéticas da época: o Neoclassicismo e o Arcadismo, que almejavam simplicidade formal e maior liberdade de movimentos na criação poética (Chaves, 2021, p. 213).

Para podermos compreender um pouco mais sobre a narrativa de *O Uruguai*, veremos que a história de ficção é na realidade uma narrativa baseada em relatos históricos, é interessante entender o contexto histórico que inspirou o enredo dessa narrativa, e como os acontecimentos históricos interferiram no rumo que toda a trama tomou. De acordo com Versiani (2016):

O Uruguai, obra primado árcade ultramarino, publicada naquele ano em Portugal. O épico narra acompanhadas tropas luso-espanholas nas chamadas guerras guaranícas, sob o comando do General Gomes Freire de Andrade, o Conde de Bobadela, que culminaria na derrota e expulsão dos padres que comandavam, na fronteira sul entre a América Espanhola e Portuguesa, as missões jesuíticas (Versiani, 2016, p.2).

A personagem Lindoia é uma indígena casada com Cacambo que também é nativo, o herói tem um papel que vai além do amor da Lindóia, ele era o chefe da tribo, e no canto III vai contar também a história de amor de Lindoia e Cacambo que não vai durar muito, pois ele vai morrer envenenado, então dando início a todo o sofrimento de Lindoia.

Arcadismo e o Gênero épico

Por volta do 1768 instalava no Brasil um movimento literário que tinha como nome arcadismo, um movimento que tinha como filosofia trazer uma linguagem simples, diferente da linguagem rebuscada do barroco, movimento literário anterior, deixando de lado aquilo que os autores achavam ser desnecessário na literatura e mostrando uma mudança de um movimento literário para o outro, pois quando era feita.

O movimento arcádico caracteriza-se antes de mais nada rejeição polêmica do barroco e o retorno classicismo. Como sucede a todas as estéticas vizinhas, o repúdio das correntes em moda no século XVII significava que, apesar contrária, continuavam ativas (Moisés, 1983, p. 266).

O arcadismo no Brasil teve sua concentração em Minas Gerais, e foi lá onde se desenvolveram as obras e os autores desse movimento literário que teve como autores principais Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Santa Rita Durão, e Tomás Antônio Gonzaga.

A literatura clássica tem um imenso arsenal de produções, estando dividida entre três gêneros clássicos principais, o lírico, o épico e a tragédia que vão ganhar visibilidade com suas determinadas criações de cada grupo literário, o gênero épico foi um dos que obteve evidência na antiguidade continuando assim até os dias de hoje com obras *Odisseia* e *Ilíada* do poeta Homero, e a obra *Eneida* do poeta Virgílio, que são referências quando se fala dessa categoria.

Foi por volta do século VII a.C que surgiram as primeiras obras de poesia épica, que é caracterizada por narrar os efeitos heroicos de um povo contando com aspectos de um poema longo que é dividido em uma estrutura da narrativa em verso.

O texto do poema épico é uma narração que acontece geralmente no passado e faz referência a mitologia greco-romana como a invocação da musa (divindade). Para inspiração do autor e que o auxilia na elaboração da poesia no início da história contando também com uma dedicatória. E por fim é possível ver, que, ao final, o autor utiliza do epílogo que é uma ferramenta usada para relatar os últimos acontecimentos, e segundo Chaves(2021) o gênero épico é :

Poesia épica como narrativa de uma ação importante de personagens superiores à média humana -- ação que, não sendo representada diante do espectador, admite certa dose de inverossímil, desde que persuasivo e manifesto basicamente nas intervenções divinas, fonte de admiração e elevação. (Chaves,2021, p.53-54).

O poema épico vai exaltar a história de um povo de uma forma acima da média, em especial alguma figura de importância daquele país que, para o autor, merece ser honrado através do poema épico. Dessa forma foi com Vasco da Gama que Luís Vaz de Camões usou do personagem principal e herói de *Os Lusíada* de uma forma exagerada, mostrando o quão importante Gama é para Portugal e as suas grandes conquistas como a sua jornada pela Índia com os seus companheiros. É através do herói que a poesia épica, desenvolve a história, e, segundo Rodrigues(2020), Vasco da Gama viajou de navio e:

A armada de Vasco da Gama chega à Índia (1498). Dois anos depois, o Brasil é descoberto. A partir deste ponto, até a União Ibérica (1578), floresce o Renascimento em Portugal, e Lisboa, cidade marítima e luxuosa de onde zarpam e chegam navios e mercadorias, e onde toda a Europa e fragmentos do Oriente se encontram, torna-se seu *axis mundi*, o motor imóvel, emanador daquele cosmo. (Rodrigues, 2020, p.63).

Em *O Uruguai*, podemos perceber a definição do gênero épico, com os aspectos do gênero, sendo destacados nos versos, quando inicialmente o poeta vai invocar as musas, a dedicatória que Basílio faz ao Marques de Pombal, o Marques é uma das figuras administrativas de Portugal que teve importância. O contexto de guerra que se começa a história que é comum, versos brancos e entre outras características, que irá evidenciar o gênero épico.

A intertextualidade

A intertextualidade é a presença de um texto em outro texto, no caso a obra ou o texto que contém os elementos intertextuais vai ser a inspiração em outra obra que pode ser do mesmo gênero, movimento literário ou até mesmo estilos diferentes de escrita, trazendo também uma forma de espelhar o texto de um autor no outro para que determinadas características sejam passadas adiante. Segundo Conte (2010) e Barchiesi (2010, p.94-95):

A intertextualidade, de eco, então, longe de ser um curioso efeito define a condição mesma da legibilidade literária. De fato, não se captam o sentido e a estrutura de uma obra senão em relação a modelos, eles mesmos produtos de uma longa série de textos de que são, de certo modo, a constante. Fora desse sistema, a obra literária é não-natural: a sua percepção pressupõe uma "competência" na decodificação da linguagem literária, que tem como condição a prática de uma multiplicidade de textos.

O conceito de intertextualidade vai retratar como os textos têm influência de vários aspectos e que geralmente sofre de interferência de algum autor ou obra que tem semelhança com o contexto em que está escrevendo, que os autores vão se inspirar para construir a sua obra, a partir disso será possível ver esses traços dos elementos intertextuais.

O uso de intertextualidade nos textos é bem frequente, levando em conta que o autor da poesia épica, tem uma outra obra como um ponto de partida, como a obra *Os*

Lusíadas de Luís de Camões que assim como muitos autores se inspiraram nas obras clássicas para fazer jus ao nome do movimento literário da época que era o renascimento, trazendo de volta ideias tão valorizadas nos clássicos, e segundo o autor De Aguiar (2018, p. 1):

Os grandes artistas renascentistas beberam na fonte da Antiguidade Clássica retirando dali vários conceitos estéticos e temáticos para criarem suas obras de arte. Esta influência pode ser notada na maior epopéia renascentista “Os Lusíadas”, de Luis Vaz de Camões, na qual se evidencia a influência da obra “*Eneida*”, de Virgílio.

A *Eneida*, 19 a. c, é uma das obras clássicas que se tornou bastante utilizada por intermédio da intertextualidade, que é empregado com a alusão da obra em outra obra, por ser uma obra clássica é geralmente citada e empregada, como referência da origem da literatura e gênero épico, o autor relatou a obra de Virgílio seria uma das fontes da antiguidade clássica e que os artistas renascentistas teriam se inspirado nele entre outros autores.

É interessante ver como os estudos do conceito da intertextualidade vêm crescendo no decorrer do tempo e sendo ampliado à cada dia, não está sendo somente associado ao conceito da intertextualidade e sim também à literatura comparada, arte alusiva e *imitatio* que são conceitos que vêm crescendo e evoluindo para assim contribuir, mostrando que o conceito foi enriquecido por vários autores como os autores Vasconcellos (1996) e Mendonça (1996) que vão falar um pouco sobre o conceito e outras peculiaridades:

Estudos sobre o tema têm-se multiplicado; *imitatio*, arte alusiva, literatura comparada, intertextualidade (conceito amplamente alargado, já não restrito ao universo do texto literário) são termos e expressões empregados com frequência e se sobrepõem. De nossa parte, adotaremos de preferência a noção de “intertextualidade”, que urge definir, já que a palavra, em razão do emprego difuso, tornou-se, a nosso ver, algo opaca: utilizada por autores nos contextos mais díspares para abarcar noções não totalmente equivalentes, perdeu precisão de sentido, tornando-se genérica demais. (Vasconcellos, 1996, p.33).

Essas expressões que são citadas pelos autores, em estudos com o intuito de fazer uma comparação entre obras, músicas e entre outras dimensões artísticas, e como foi dito também não é usado somente em textos literários. Pode ser manuseado em um amplo campo não se restringindo, pois em alguns casos é de uma forma proposital como

uma citação ou as vezes não em uma música que foi inspirado no conhecimento do compositor e não se sabe a fonte original.

Lindóia e a Rainha Dido

O Uruguai é o poema épico de Basílio que conta sobre a estadia dos Portugueses e Espanhóis que viajaram para o Brasil com o intuito de explorar o país, dentre eles também estavam aqui no Brasil os jesuítas com a missão de catequizar os índios. A narrativa conta com alguns personagens como o padre jesuíta Balda que é o representante da igreja católica no Brasil, Baldeta é o filho ilegítimo do padre, Lindóia é uma indígena esposa do Cacambo, Gomes Freire de Andrade (chefe das tropas de Portugal) e foi um grande colaborador do marques de pombal, e os indígenas Sepé guerreiro, Cacambo o chefe da tribo e esposo de Lindóia e Caitutu guerreiro e o irmão de Lindóia.

No canto III da obra *O Uruguai*, é possível ver quando a personagem é apresentada na narrativa, e nesse mesmo canto é descrita a morte do seu amado Cacambo, que foi preso e depois envenenado pelo padre Balda com a intenção de casar o seu filho ilegítimo Baldeta com Lindóia, que também resultaria em Baldeta se tornando cacique.

Na obra *O Uruguai* podemos ver a existência de alguns personagens e cada grupo que eles fazem parte, como os jesuítas, portugueses, espanhóis e os indígenas, a Lindóia é indígena sendo uma das personagens principais, pois será através da sua história vai ser desenvolvida a trama de *O Uruguai* e em especial o canto IV, pois até o canto IV tinha acontecido momentos importantes para a história como a morte de Cacambo, que é o chefe da tribo e o marido de Lindóia e a reação da personagem a respeito da morte do seu amado.

Na obra existe alguns personagens que participam da história e tem uma importância para o enredo, mas é possível ver na personagem Lindóia características que se destacam e será sobre que iremos analisar na obra *O Uruguai*, a sua representatividade, e em especial a forma como a personagem vem a morrer, com isso podemos perceber alguns aspectos encontrados na história da personagem.

A partir da sua primeira aparição no poema podemos ver o quanto a personagem é importante, pois ela, sendo esposa do Cacambo, que é o chefe indígena e logo de início podemos ver a descrição da personagem e principalmente a descrição do amor dos dois personagens, que chama bastante atenção por ser um amor genuíno, é isso que podemos ver nas palavras de Da Gama (1964):

Obra do seu valor! Tinha Cacambo
Real esposa, a senhoril Lindóia,
De costumes suavíssimos e honestos,
Em verdes anos: com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas apenas
Os tinha unido, quando ao som primeiro
Das trombetas lho arrebatou dos braços
A glória enganadora.
(Da Gama, 1964, p.19).

Diante de como é contada a história e inicialmente narra uma guerra que mostra a destruição da região do Rio Grande que aconteceu a guerra, por causa da violência, é intrigante como se conta a narrativa de amor entre Lindóia e Cacambo sendo algo tão lindo e tão verdadeiro, até faz a personagem cometer tamanha brutalidade contra si mesma, mostrando o quão é intenso tudo nessa narração.

Além de ter uma trajetória bem interessante que vai do momento em que ela foi apresentada até a sua morte, mas ainda é o destino final que vamos analisar o que levou a personagem a cometer esse atentado a sua própria vida, e tudo que contribuiu para isso acontecer, então é na história que entenderemos como Lindóia reagiu ao saber que o seu amado morreu e como isso iria impactar no seu desfecho final. E nos detalhes que Lindóia se destaca.

No canto III que os rumos da trama vão mudar, quando Cacambo morre e Lindóia descobre o ocorrido e fica arrasada, pois ele era o amor da sua vida, e isso deixa a tão triste que nesse mesmo momento ela já começa a planejar encontrar a morte de qualquer forma, então diante de tudo é possível perceber que Lindóia já sabia o que faria, para ela não valeria mais apenas viver nesse mundo sem o seu amado, é isso que Basílio vai mostrar nessa passagem:

A funesta notícia. Ai que já sabe
A assustada amantíssima Lindóia
O sucesso infeliz. Quem a socorre!
Que aborrecida de viver procura
Todos os meios de encontrar a morte.

Nem quer que o esposo longamente a espere
 No reino escuro, aonde se não ama.
 (Da Gama, 1964, p.21).

Nessa pesquisa, consideramos a possibilidade da intertextualidade da personagem Lindóia com outra personagem que não é do *O Uruguai* e sim da *Eneida* que a Dido, uma mulher de representatividade, que vamos ver também o seu sofrimento por amor e assim como Lindóia será devastada pelas consequências do amor e com a partida do seu amor vai fazer ela tomar decisões que mudarão a sua história.

A rainha Dido é uma personagem marcante para a *Eneida*, por ser quem vai acolher os troianos liderados por Enéias fugidos de troia e vai fundar Cartago, nesse meio tempo ela vai se apaixonar pelo herói, e a história será contada nos livros 1 a 4 da obra *Eneida*, que segundo Pinheiro (2010) vai ser contada a história da rainha:

A história da rainha de Cartago desenvolve-se nos livros 1 a 4 da obra, com pesos diferentes em cada um, e termina com uma breve aparição no livro 6. (Pinheiro, 2010, p.17).

Então é no primeiro canto que a personagem Dido é apresentada na *Eneida*, vai fundar Cartago e vai acolher os troianos, e através de Vênus, deusa do amor, se apaixonar por Eneias sobre o efeito de uma espécie de feitiço e de manipulação da fragilidade que a rainha estava passando naquele momento, que segundo Pinheiro (2010) foi:

Devemos referir ainda a fundação de uma cidade em terras estrangeiras, facto que para Dido é já uma realidade e para Eneias ainda um almejo. As afinidades do passado de ambos são um modo de preparar Eneias para o encontro com a rainha e de despertar o interesse do Troiano por um ser assim semelhante a si próprio. (Pinheiro, 2010, p.19).

Dido chega a uma tremenda ilusão com tudo que estava vivendo, de ser deixada para trás pelo seu amado, a esperança de viver algo novo em um lugar novo, estava indo tudo bem até que Enéias tem que continuar a sua missão que era fundar o que seria Roma. Para isso acontecer seria preciso deixar a rainha e seguir viagem, só que quando a Dido descobre isso ela fica bem abalada e assim como Lindóia tentou e encontrou a morte de uma forma terrível a rainha também teve um fim parecido.

As duas personagens têm destinos finais parecidos e não será somente isso que poderemos perceber em comum, pois é perceptível que quando Basílio da Gama se

inspira nos clássicos, ele se volta mais especificamente para Virgílio com referências nos versos e nas personagens e nas suas personalidades, de sofrimento pelo amor, a representatividade da mulher na literatura que não era comum, mas foi possível e exploraremos esses aspectos.

Quando Dido soube da partida do seu amado e Lindóia soube da morte do seu amado, ambas tiveram atitudes parecidas pois elas ficaram entristecidas e arrasadas, trazendo um sentimento de que nada mais seria igual, e que para elas seria preciso fazer alguma coisa para resolveras situações que não teria mais volta.

No caso da personagem Lindóia vai ser no canto IV que acontecerá o momento final, que acontecerá quando ela está se preparando para casar-se com Baldeta, mas ela some e ninguém a encontra então todos saem para procurar pois já estavam cansados de esperar.

Mais que Lindóia. Há muito lhe preparam
 Todas de brancas penas revestidas
 Festões de flores as gentis donzelas.
 Cansados de esperar, ao seu retiro
 Vão muitos impacientes a buscá-la.
 (Da Gama, 1964, p. 20).

Enquanto os outros personagens estão à procura de Lindóia, ela está no jardim planejando como tirar a sua vida e pôr um fim ao seu sofrimento. E caminha em direção ao jardim onde pretende buscar descanso em uma árvore cipreste que tem o sentido da morte e o sofrimento segundo Soares (2012, p.111). Ressaltando a ideia de que ela estava tudo planejado que a planta seria um sinal de acordo.

Cansada de viver, tinha escolhido
 Para morrer a mísera Lindóia.
 Lá reclinada, como que dormia,
 Na branda relva e nas mimosas flores,
 Tinha a face na mão, e a mão no tronco
 De um fúnebre cipreste, que espalhava
 Melancólica sombra.
 (Da Gama, 1964, p.20).

Nessa passagem que descreve momentos antes da morte de Lindóia é possível perceber a utilização do gênero elegíaco, um gênero literário da antiguidade que opõe ao gênero épico, pois diferente da poesia épica de características de uma história com grandes conquistas e exaltação do heroísmo que tem tudo como o poema elegíaco vai contar um lamento e uma frustração das coisas darem errados.

O que caracterizava a elegia, portanto, era seu ritmo, que, com o dístico epódico, remete a um “sentimento”, aspecto que se enquadra no gênero lírico.¹² Além disso, o “sentimento violento” rompido por um “solução” (sanglot), poderia nos remeter à ideia da elegia como poesia de lamento, mas não à noção das epigramas que usam o dístico elegíaco para um conteúdo jocoso (Heise, 2020, p.7).

Após ir ao jardim, vamos perceber que Lindóia está distraída e ela não deduz a presença de uma serpente no jardim e o quão próximo este animal estava perto dela, depois da ocasião de sua chegada se passando algum tempo ela vai perceber a existência de uma víbora no local e que ela já estava encurralando. Mas mesmo ela estando ciente de toda a situação não é possível ver nenhuma reação da personagem em tentar se salvar, podemos perceber que depois da morte de Cacambo ela queria encontrar a morte e ali naquele momento a oportunidade surgiu e sem nem, recusar ela a abraçou. E uma forma tão convicta que até mesmo o seu irmão ao encontrar lá, tentou salva a personagem só que não obteve sucesso, pois já era tarde demais.

Ao chegar no jardim que estava procurando a sua irmã, Cacambo a encontra deitada em dormindo em baixo de um cipreste, mas sem entender que ela teria escolhido ali terminar a sua vida sem mais nenhum sentido, ele tenta ajudar portando um arco, ele vai tentar imobilizar a serpente com uma flecha e não obtém sucesso, pois a seta atingi o peito da personagem e ainda fere a serpente, só que não foi o suficiente.

Porém o destro Caitutu, que teme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes
Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Entre a ira e o temor. Enfim sacode
O arco e faz voar a aguda seta
Que toca o peito de Lindóia, e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravados no vizinho troco
(Da Gama, 1769, p.27).

Apesar de Lindóia ter morrido pela picada da víbora, é considerável uma morte voluntária que é um termo usado para suicídio, pois ela não queria ser salva pelo irmão, não teve nenhuma reação para tentar sobreviver. Até o presente momento da obra somente é informado ao leitor que a personagem optou por não viver, então o seu irmão tenta com todas as formas salvá-la sem saber a decisão da própria.

A rainha Dido da *Eneida* estava na beira da praia, e assim como Lindóia fugiu da presença de todos em um lugar de descanso, para concluir o plano que para ambas era o que iria findar com todos os seus problemas e tristezas, é notório o quão elas estavam desoladas pelo amor perdido, mostrando também que até nos sentimentos finais de suas mortes foram semelhantes.

Diante da atitude da personagem ter empunhado a espada contra o seu próprio peito, a rainha mesmo assim tenta se levantar, mas naquele momento podemos ver que a atitude que a personagem tomou não tinha, mas volta, e nem se levantar foi possível perante a situação, vamos encontrar nesses versos a passagem que Basílio utilizou para fazer referência de Virgílio com a frase três vezes, que na *Eneida* é as tentativas da personagem de se erguer, e segundo Virgílio são uma das últimas ações da personagem:

Com muito esforço, ao querer levantar a cabeça, de novo
Desfaleceu a rainha. No peito a ferida estertora.
Três vezes tenta senta-se, apoiando-se nos cotovelos,
Três sobre o leito ela torna a cair
(*Eneida* IV, v.686-689).

Porém o destro Caitutu, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco e quis **três vezes**
Soltar o tiro e vacilou **três vezes**,
Entre a ira e o temor.
(*O Uruguai* IV, v. 165-169)

Podemos ver que realmente as personagens iram escolher fins parecidos, e que são utilizados elementos da intertextualidade como a utilização de frase usada por Virgílio na *Eneida* para descrever a reação da rainha Dido no momento que antecede a sua morte sendo acrescentada na obra *O Uruguai* por Basílio para descrever também os momentos finais da personagem Lindóia, em que o seu irmão irá tentar por três vezes tentou salvar ela.

Considerações finais

Com nas análises desempenhadas sobre os elementos intertextuais encontrados nas personagens Lindóia e Dido dos poemas épicos *O Uruguai* e *Eneida*, foi possível

constatar que as personagens têm algumas semelhanças. Inicialmente na sua história que elas vão para um lugar.

As personagens trazem consigo uma história composta por suas origens e características que fizeram com que elas se destaquem dentre as narrativas do *O Uruguai* e a *Eneida*, a história delas tem uma decrescente, mas com a partida dos seus amados apare algumas adversidades que resultaram em uma final trágico.

Diante disso é possível perceber a utilização de elementos intertextuais na obra *O Uruguai* quando Basílio faz referência a *Eneida* de Virgílio, em algumas características da escrita como a utilização da frase três vezes usada por Virgílio referenciando ao momento da morte de Dido quando a personagem tenta com os cotovelos levantar três vezes, mas não consegue. Basílio por sua vez faz um caminho parecido quando ao chegar no instante da morte de Lindóia que foi imobilizada por uma víbora, o autor usa a frase três vezes quando Caitutu encontra a personagem e tentar salvá-la, ele tenta três vezes com uma flecha imobilizar a serpente, mas não obtém sucesso.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1994.

CHAVES, Vania Pinheiro. Na fundação da Literatura Brasileira: *O Uruguai*, de José Basílio da Gama. **Letras na América Portuguesa: Autores–Textos–Leitores**, p. 212, 2021.

CHAVES, Vania Pinheiro. **O despertar do gênio brasileiro: uma leitura de *O Uruguai* de José Basílio da Gama**. Editora da UNICAMP, 2000.

CONTE, Gian Biagio; BARCHIESI, Alessandro. Imitação e arte alusiva: modos e funções da intertextualidade. **O espaço literário da Roma antiga**, v. 1, p. 293-327, 2010.

DA GAMA, José Basilio. **Basílio da Gama: *O Uruguai***. Agir, 1964.

DE AGUIAR, Fabrício César. ‘A representação da deusa Vênus nas epopéias *Eneida*, de Virgílio, em *os Lusíadas*, de Camões, e na pintura de Botticelli – leituras intertextuais’. **VII EPCC–Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar**

CESUMAR–Centro Universitário de Maringá Editora CESUMAR Maringá–Paraná-Brasil. Disponível em <https://goo.gl/fhKaw8>. Acesso em, v. 29, n. 09, 2018.

HEISE, Pedro Falleiros. Das origens do gênero elegíaco até a ruptura de Ovídio nas Heroides. **Phaos: Revista de Estudos Clássicos**, v. 20, p. e020001-e020001, 2020.

JEUNE, Simon. Literatura geral e literatura comparada. **IN: Eduardo F. Coutinho e Tânia F. Carvalhal. (org.) Literatura comparada: textos fundadores, Rio: Rocco, 1994.**

MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira - I - Origens, Barroco, Arcadismo. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1983.

OLIVEIRA, Ellen dos Santos et al. O herói Sepé em duas versões: *O Uruguai* e Sepé-o morubixaba rebelde. 2016.

PINHEIRO, Cristina Santos. **O percurso de Dido, rainha de Cartago, na Literatura Latina**. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

RODRIGUES, João Victor Petroni. ANÁLISE DA JORNADA DO HERÓI DE VASCO DA GAMA EM "OS LUSÍADAS". **REGRASP-Revista para Graduandos/IFSP-Câmpus São Paulo**, v. 5, n. 4, p. 58-83, 2020.

SOARES, Marly Catarina. Florbela espanca: seus desejos, seus temores, seu passado, seu presente. **Signótica**, v. 24, n. 1, p. 103-117, 2012.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. **Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio**. 1996.

VERSIANI, Carlos. A representação arcádica do índio brasileiro: *O Uruguai*, de José Basílio da Gama. **Amerika. Mémoires, identités, territoires**, n. 14, 2016.

VIRGÍLIO; *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014 (1ª Edição).